Juventude.br é uma publicação do
**Centro de Estudos e Memória da
Juventude – CEMJ**

Rua Treze de Maio, 1016 - conj. 2
Bela Vista São Paulo - SP – CEP 01327-000
cemj@cemj.org.br www.cemj.org.br

Editor e jornalista responsável:

Fábio Palácio de Azevedo

Editores-assistentes:

Brenda Espíndula

Capa e diagramação:

Cláudio Gonzalez

Preparação e revisão de originais:

Fábio Palácio de Azevedo

Comercialização e distribuição:

Rovilson Portela

Tiragem: 8.000 exemplares

CONSELHO CONSULTIVO DO CEMJ:

Alessandro Lutfy Ponce de Leon, Arthur
José Poerner, Augusto Buonicore, Fábio
Palácio de Azevedo, Fabiano de Souza Lima,
José Carlos Ruy, Mary Castro, Natividade
Guerrero Borrego, Regina Novaes.

DIRETORIA DO CEMJ:

Presidente

Fabiana Costa

Diretor de Planejamento e Patrimônio-

Rovilson Portela

Secretário Geral

Augusto Vasconcelos

Diretora de Estudos e Pesquisas

Brenda Espíndula

Diretor de Memória

Fernando Garcia

Diretor de Cultura

Carolina Maria Ruy

Diretor de Comunicação

Vandré Fernandes Barros

Diretor de Atividades Educativas e

Esportivas

Alexandre Rosa

A revista **juventude.br** aceita colaborações que lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a critério da editoria e do Conselho Consultivo do CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação de um artigo não implica em compromisso da revista ou do CEMJ com seu conteúdo. As opiniões emitidas são de responsabilidade exclusiva dos autores. Os artigos enviados não devem exceder 15.000 caracteres com espaços. Artigos maiores dependerão de acerto prévio com o editor. Os artigos devem ser enviados no programa *Word for Windows* e os originais não serão devolvidos. Citações devem seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

AOS LEITORES

O esporte não é em si conservador nem progressista, e tampouco é neutro

Após ter sido escolhido, há um ano, para realizar a Copa do Mundo de 2014, neste momento o Brasil festeja também sua eleição como sede dos Jogos Olímpicos de 2016. Mais que nunca, o esporte toma conta das rodas de conversas, estimula o mercado esportivo a projetar seu crescimento, nutre o anseio de milhares de jovens de se tornarem atletas. A realização, em nosso país, de dois megaeventos esportivos faz vibrar o povo e a juventude brasileira, que sonham com a possibilidade da formação de uma geração vitoriosa de atletas representantes de nosso país.

É nesse contexto que Juventude.br se propõe uma reflexão sobre as relações entre juventude e esporte. Longe de constituir-se em fenômeno neutro, de dimensão puramente física e fisiológica, o esporte – como outras manifestações da cultura humana – é um potente terreno de disputa simbólica. Não por acaso, importantes pesquisadores da área apontam como, desde a emergência do esporte moderno, na Inglaterra do século XIX, este tem sido apropriado pelos interesses hegemônicos, que frequentemente o concebem como correia de transmissão das normas e valores dominantes, destinados à manutenção do status quo.

No Brasil tivemos, ao longo da história, inúmeros exemplos dessa tendência. Vale lembrar a instrumentalização do esporte promovida pelos governos militares, que frequentemente associavam a seleção brasileira ou a organização dos torneios nacionais a suas ideias e propósitos políticos conservadores. No mesmo sentido, concebiam os jogos estudantis como meio de inculcação, na juventude brasileira, de ideias políticas, valores morais e modelos de comportamento (sobre esse assunto, ver o livro *Memória do esporte educacional brasileiro*, lançado em 2007 pelo Centro de Estudos e Memória da Juventude).

Mas o esporte não é em si conservador nem progressista, e tampouco é neutro. Sendo uma prática coletiva, é resultado de relações sociais determinadas, é produto da cultura e das relações humanas, não podendo jamais ser essencializado como portador de significados pré-determinados, sejam eles de virtuosidade ou de iniquidade. Esse caráter ambíguo é precisamente o que potencializa o esporte como espaço de disputa política e simbólica, capaz de mobilizar chefes de Estado e nações inteiras, como aconteceu recentemente por ocasião da escolha do país-sede das Olimpíadas de 2016 – um evento a princípio trivial, não fossem os poderosos interesses políticos que tem a capacidade de congregar.

O esporte é, assim, um elemento da cultura (e, em particular, da chamada cultura corporal) que traz em si características específicas, no mais das vezes embaladas em uma aura de universalidade. É essa “aura” o principal elemento a viabilizar a fetichização do esporte, fenômeno corrente em nossos dias, fortemente associado à espetacularização promovida pela grande mídia.

Entretanto, apesar desse brilho de universalidade, o esporte não existe a par do Homem. Ele não é fruto da sabedoria de deuses como aqueles do Monte cujo nome deu origem ao maior evento esportivo do planeta – os Jogos Olímpicos. A menos que sejamos capazes de conceber os “deuses” mais ou menos como o faziam os antigos gregos – isto é, como personificações das mais nobres potencialidades coletivas do ser humano.

Mas essa não seria, no fundo, mais que uma forma sublimada de entender o esporte como atividade “humana, demasiado humana”. Como tal, ela é

apropriada no dia a dia por atores sociais os mais diversos. Ganha, assim, colorações específicas, apresentando-se como complexo de sentidos e manifestações particulares que contrastam com a pretensa universalidade de sua linguagem. Como afirma Marta Corrêa Gomes nesta edição de Juventude.br, “embora o esporte seja dotado de princípios constitutivos, como a competição, os valores não são essencialmente do esporte, mas se refletem no esporte e são também gerados a partir dos significados que os indivíduos, grupos sociais e instituições dão à sua prática”.

Algumas questões saltam à vista quando analisamos a relação entre esporte e juventude. Por que essas duas dimensões revelam sempre uma ligação tão íntima, sendo frequentemente associados os valores esportivos ao “ser jovem”? Por que a condição juvenil tem sido comumente retratada – inclusive, mas não apenas, na publicidade – através dos valores propalados pelo esporte? E de que maneira um projeto nacional na área do esporte pode ser construído de modo a contribuir com o desenvolvimento das potencialidades da juventude brasileira? Tais questões – que não admitem resposta unívoca, arredias que são a simplismos – têm a capacidade de evidenciar a intrincada teia de conexões analíticas suscitadas pelas relações entre juventude e esporte.

Não se pode negar a contribuição que os jovens, ao longo dos tempos, têm dado à criação e disseminação de modalidades esportivas, demonstrando, assim, sua importância como produtores de cultura. Inversamente, na medida em que as atividades esportivas de caráter informal vão sendo normatizadas / institucionalizadas, acabam também por contribuir para a estruturação do jovem enquanto sujeito, estabelecendo-se como meios de aprendizagem socioeducativa.

Porém, embora boa parte de nossa juventude vivencie a experiência esportiva como dimensão formativa, o contrário também pode ser percebido. Se temos em vista o que ocorre em relação ao futebol em nosso país, poderemos constatar que nem sempre essa modalidade joga a favor de uma formação sadia de nossa juventude. Para aqueles que vislumbram no futebol um projeto de carreira profissional e/ou uma possibilidade de ascensão social, ele acarreta na grande maioria das vezes consequências desastrosas, podendo degradar mais que dignificar. É o que mostram Antonio Soares, Tiago Bartholo, Leonardo Melo e Hugo da Rocha em artigo nesta edição. Na maioria dos casos, o desejo de altos salários e de boas condições de trabalho é mera ilu-

ção, já que apenas para uma minoria essa oportunidade se torna realidade. As “peneiradas” dos 20 maiores clubes – verdadeiro vestibular para a carreira no futebol – “aproveita” somente 1% dos jovens que nelas se aventuram. Muitos deles acabam preterindo a escolarização, abandonada em função de uma intensa agenda de treinamentos físicos.

Fatos como esses chamam atenção para o tema das práticas esportivas como elementos de cidadania, na condição de direitos fundamentais. Foi a crescente intervenção do Estado, a partir de meados do século XX, que garantiu a massificação do esporte, bem como sua prática sistemática na escola (com ênfase na ampliação da base de atletas com vistas ao alto rendimento). Em muitos casos, o Estado também foi decisivo para a democratização do esporte como prática de lazer. Mesmo com a transformação de necessidades humanas em mercadoria, que ocorre também no âmbito do esporte, a história mostrou que a luta contra o capitalismo, tendo a juventude como protagonista, garantiu avanços também no terreno da atividade esportiva, hoje considerada essencial para uma vida com mais qualidade e dignidade.

A disputa de concepções em torno do esporte, de seu caráter e de suas finalidades, foi uma constante na história, sendo mesmo parte da luta política geral. Quando concebida como política pública a partir de visões liberais, a prática esportiva tem sido vista como elemento útil à superação de situações de risco social vivenciadas pela juventude (delinquência, criminalidade, uso de drogas etc). Nessa perspectiva, o esporte acaba sendo pensado como política assistencialista, voltada à garantia da segurança e da coesão social. Cabe a uma perspectiva democrática ultrapassar essa visão utilitarista da prática esportiva como panaceia para as desigualdades sociais. Como lembram Edgard Mattiello Jr, Marília Inácio e Paulo Ricardo Capela em sua contribuição a este número de Juventude.br, é importante conceber o esporte e as políticas de esporte para a juventude como direitos de cidadania, fundantes da dignidade humana, da qualidade de vida e de uma nova relação com o espaço público.

Mas a importância do esporte e das políticas públicas nessa área não para por aí. Para além de elemento promotor do desenvolvimento humano, o esporte também pode contribuir sobremaneira para a projeção de nossa imagem e a afirmação do Brasil no concerto das nações. Este é um dos desafios que estará colocado para o Brasil nos próximos anos: o de reinventar o chamado “efeito olímpico”, construindo uma Olimpíada com as cores e a cara do Brasil, em diálogo permanente com a realidade de nosso povo. Uma Olimpíada, como afirma Rodrigo Koch nesta edição, capaz de deixar um imenso legado, que beneficie a maioria do povo brasileiro. Não é pedir demais: nosso povo e nossa juventude, os verdadeiros heróis do esporte nacional, devem ser também os principais beneficiários das políticas praticadas nessa área. 📍

Para além de elemento promotor do desenvolvimento humano, o esporte também pode contribuir sobremaneira para a projeção de nossa imagem e a afirmação do Brasil no concerto das nações.